

Crise leva 50 mil em busca do ouro de Alta Floresta

Alta Floresta (MT) — Fotos de Chiquito Chaves

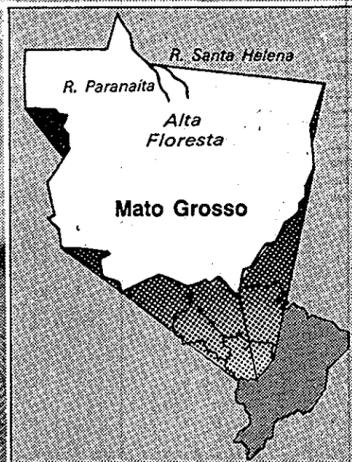
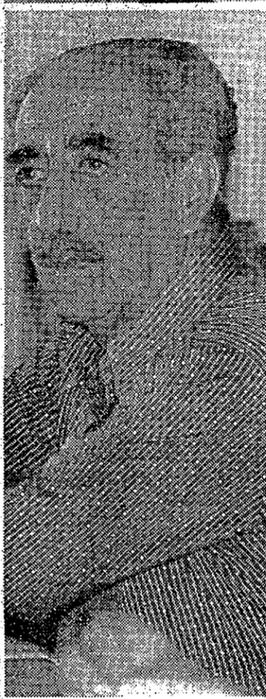
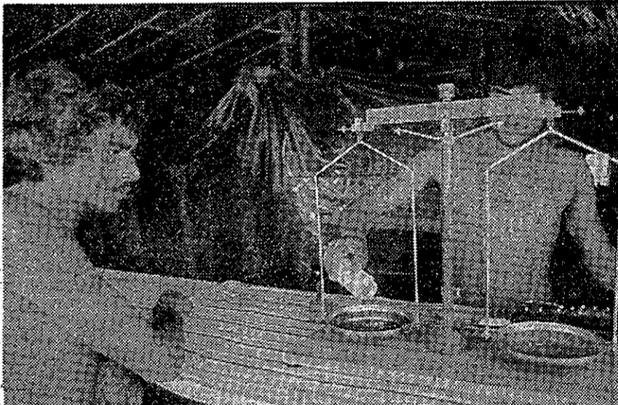
Thais de Mendonça

ALTA FLORESTA (MT) — O desemprego, os baixos salários, e a crise econômica deverão aumentar o fluxo de pessoas que todos os dias estão chegando aos mais de 30 novos pontos de garimpo no norte de Mato Grosso. A região, situada em torno do vilarejo de Apicás, município de Alta Floresta, entre os rios Santa Helena e Paranaíta, é apontada como o mais recente Eldorado brasileiro; de onde sai por dia — sem controle nem fiscalização — uma quantia calculada em 50 quilos de ouro. Alta Floresta tem 120 mil habitantes, 50 mil nos garimpos.

Planeta, Satélite e Astro. Pista do Cuiabano, do Augusto, do Cesário, dos Metralha. As agências instaladas em casas de madeira propagandeiam os locais para onde irão as levadas de garimpeiros, pagando até Cz\$3 mil a passagem num dos pequenos — nem sempre seguros — monomotores estacionados no pátio poeirento que se convencionou chamar de aeroporto. Que ninguém se engane com as aparências, porém: o Aeroporto Benedito Santiago, de Alta Floresta, é o 5º do país em pousos e decolagens (140 por dia) e o de Apicás, com menos de dois anos de existência e funcionando no horário de 6 às 17h30min, já registra 100 chegadas e partidas diariamente.

Em seu avanço, o garimpeiro não vê obstáculos. Abrindo trilhas na densa mata amazônica para arrastar as dragas no rumo dos *baixões* — a parte baixa dos terrenos, normalmente alagados durante as cheias dos rios ou à margem destes — varando longas extensões através dos leitos dos córregos para atingir as regiões proibidas, tomadas pelas mineradoras, ele vai modificando a paisagem.

As corrutelas, arraias formados na entrada das terras virgens, com a pouca estrutura necessária à sobrevivência, viram cidades. Como Apicás, hoje apenas uma rua de terra com casas de compra de ouro dos dois lados. Um lugar onde a conta do supermercado pode ser paga com algumas gramas de pó dourado (cotado um pouco abaixo do mercado nas grandes cidades), levado em tubinhos de Cebion e pesado na hora. Uma região onde a malária é uma contingência aceita e a morte violenta, uma decorrência do cotidiano calcado no contraste permanente entre a miséria e a riqueza.



Na corrutela de Apicás, o ouro levado em tubos de Cebion é moeda corrente para qualquer negócio. Amil Alves, dono de 45 mil hectares e advogado com escritório no Rio de Janeiro, sobrevoou as terras no ano passado e acabou por comprá-las pela bagatela de Cz\$ 5 mil o hectare

Violência marcou o início da exploração

Se alguém perguntar pelo doutor Amil Alves em qualquer um dos grotões de Novo Planeta, ninguém saberá dizer quem é. Ao caminhar pelas corrutelas, de camisa de mangas compridas e sapato fino, o advogado com escritório no Rio de Janeiro não pode se apresentar como o dono de 45 mil hectares de terras, que abrangem todos os baixões férteis do Mutum, Avon, Pinta no Leito, Pau Mole, Zé Bento e agora o novo Sadi.

Porque, assim como Sadi dá nome ao mais recente ponto de garimpagem da bacia do rio Paranaíta, em Apicás, dentro das terras de Amil, os donos conhecidos são os descobridores dos barrancos auríferos, os exploradores das pistas de pouso ou os que fizeram a estrada. Num lugar onde ninguém tem sobrenome — e os toponímicos viram apelidos, repetidos à exaustão, como Cearazinho, Maranhão ou Maranhão, Paraíba e Paraíba —, a menção do nome completo é motivo de desconfiança.

A complicada história das terras de Novo Planeta — ou gleba Raposo Tavares, conforme consta na escritura de Amil Alves — não se concentra apenas na discussão da propriedade. Por diversas vezes, a área serviu de cenário para cruentas batalhas campais, com requintes de morte e crueldade. Na verdade, desde que o garimpeiro Benedito Santiago, o Ditão, descobriu o veio de ouro em terras da Indeco (Integração, Desenvolvimento e Colonização), em 1978, batizou-o de Novo Planeta e começou a explorá-lo, uma lei violenta passou a vigorar na área cuja destinação ingênua seria a priciprio a agricultura.

Ditão foi o primeiro a ser expulso, quando a firma Autram Aureum, dos filhos do ex-presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Eliezer Batista, comprou a gleba e conseguiu os alvarás de pesquisa e lavra do DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral). Até 1983 o dinheiro não circulava em Apicás: o sistema de escambo, ou troca de mercadoria por mercadoria, funciona ainda hoje, pois qualquer *cantina* tem a sua balancinha de pesar ouro colocada bem na porta da rua.

Guarda feroz — Nesse ano, sem mexer em seus direitos sobre o solo, a Autram negociou os alvarás de exploração do subsolo com a Mineração Porto Estrela, uma subsidiária da Paranaíta S.A. Mineração, Indústria e Construção. Choques com garimpeiros passaram a ser frequentes. A notícia do novo Eldorado se espalhou pelo Brasil, alimentada pela crise econômica do governo Figueiredo.

De posse dos alvarás, a Porto Estrela se fechou numa área de 2 mil 400 hectares, instalou oito *plantas* (dragas gigantes, do tamanho de um prédio de três andares, cada uma com capacidade para extrair mais de 10 quilos de ouro por dia) e construiu escritórios, refeitório, enfermaria, e até igreja, tudo guardado por uma legião de *guaxebas* e cães ferozes.

Em meados de 1986, quando o advogado Amil Alves foi convidado a sobrevoar as terras que viria a comprar pela bagatela de Cz\$5 mil o hectare — a cotação atual na região está em Cz\$7 mil/ha — explicaram-lhe que "as duas fumacinhas no meio da mata eram uma

ocorrência ocasional, coisa de caçadores". Amil assumiu a totalidade das ações da Mautra Agrícola e Florestal e tornou-se dono da antiga gleba Raposo Tavares.

Em agosto, porém, a denúncia de conflitos sérios e seguidas mortes em Apicás, envolvendo a Mineração Porto Estrela, chegou às autoridades de Mato Grosso. Acusava-se a empresa de expulsar os garimpeiros que eram pegos varando o rio e dizia-se que os *guaxebas* matavam quem entrassem dentro da propriedade.

Durante a campanha eleitoral do ano passado, o então ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, Dante de Oliveira, foi cercado por 3 mil garimpeiros, na praça central de Apicás. Eles exigiam uma solução para os ataques sofridos e queriam que garantisse seu direito de lavrar o ouro de Novo Planeta. Dante pediu três dias e mandou a Polícia Federal intervir. Dez garimpeiros conseguiram uma liminar do juiz de Alta Floresta para continuar trabalhando nas terras da Porto Estrela e atrás deles entraram 10 mil.

Força bruta — Aqui começa a atuação da Cooperativa dos Garimpeiros do Estado de Mato Grosso, uma entidade fundada nos moldes das que existem em outras regiões de garimpo (Arenópolis e Juína) e que acabou comprando os 25 alvarás de pesquisa e lavra da Porto Estrela por 660 quilos de ouro 1000 quilates, a serem pagos em três anos.

A Cooperativa assumiu as instalações da mineradora no dia 4 de junho. Entrou com a força de 10 policiais civis, cinco da

Polícia Militar e oito agentes de segurança particulares, tudo autorizado pelo governo do estado. Mas nenhum dos três representantes da Cooperal, que assinam os documentos passados pela Porto Estrela, é garimpeiro: José Domingos dos Santos, o evangélico Matão, confessa-se piloto, embora tenha sido presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Mato Grosso no período de 82 a 87; Carlos Eduardo Martinez Gil é advogado; e Neuválter Dias Leal, apenas um ex-delegado sindical.

A Mautra e a Cooperativa dos Garimpeiros do Mato Grosso acertaram, durante uma tensa reunião de duas horas, no luxuriante hotel Floresta Amazônica, em Alta Floresta, uma trégua de 90 dias. Até setembro, ambas tentarão conhecer melhor o poder de fogo do adversário, com incontáveis agentes disfarçados no meio dos garimpeiros para averiguar suas tendências, desejos e intenções e conduzi-los no rumo dos interesses de cada parte.

Sobre a Cooperal pesa a suspeita de que seja apenas um braço da Paranaíta sobre a região "rica em ouro por mais 200 anos", como assegura Matão. Mas os três dirigentes negam veementemente a acusação e afirmam visar apenas a organização da classe garimpeira. Amil Alves — que se associou ao maior comerciante de combustíveis de Apicás, Euclides Dobri — quer, "sem entrar em conflito com os garimpeiros, fazer deles próprios os colonizadores" de sua terra, vendendo-a ao preço de Cz\$2 mil o hectare, "como uma forma de fixá-lo na região" (TM).

Riqueza tem seus perigos

Por 30 gramas de ouro se compra um revólver Taurus 38 em Apicás. Célio Garcia usa um, dentro da capanga-marrom que leva sempre junto ao corpo. Célio ainda precisa de dois verdadeiros capangas — conhecidos na região pelo apelido pejorativo de *guaxebas* — para garantir sua segurança: "Sou um garimpeiro bem sucedido", diz, com um sorriso mostrando o dente de ouro.

Quem ganha dinheiro aqui é visado — justifica, ao lado do cearense José, 34, que costuma se apresentar como um dos bravos matadores da família Alencar, de Exu, e do ex-garimpeiro Waldomiro, 66, que leva engastadas na dentadura nada menos que oito gramas de ouro, como lembrança de seus tempos de glória. O comerciante e fazendeiro falido de Goiânia não se separa de seus anjos-de-guarda.

Hoje dono de 30 dragas, Célio levou um ano e meio trabalhando na lama até comprar sua primeira máquina. Deu sorte, não pegou barranco cego, mas, um cheio de ouro. Enriqueceu em seis meses: Célio Garcia, 42, acaba de comprar 1 mil 500 reses e está feliz por isto. Seus negócios se diversificam. Ele até abriu seu próprio campo de aviação — ao qual deu o nome de Pista da Felicidade. Os 450 metros de asfalto ralo lhe asseguram um alto faturamento, graças aos pousos das aeronaves (Cz\$1 mil cada) que trazem trabalhadores e viveres para os garimpos do Avon, Felicidade e Planeta.

Há poucos dias, um fato veio perturbar a escalada de Célio no rumo da fortuna: seu irmão mais novo, João Moraes Garcia, 38, foi morto em casa, enforcado com um fio de secador de cabelos. Os Garcia, que eram três irmãos em Alta Floresta, culpam a polícia. Segundo eles, na noite do crime, seis homens vestindo a farda azul-marinho da Polícia Militar de Mato Grosso vieram num táxi até a Pista da Felicidade "e saíram levando tudo o que encontraram nos 30 barracos de garimpeiros, principalmente jóias, ouro e armas".

Eldorado — Aqui não corre cheque nem nota promissória. O que circula é ouro mesmo — conta Célio, mostrando o vale que acabou de receber de uma das lojas: um papel sem timbre, carimbo ou identificação do comprador, onde em que apenas a quantia de ouro acautelado — três quilos, uma grama e cinco décimos. Com este documento, o garimpeiro pode retirar seu dinheiro quando quiser, à cotação do dia.

O garimpo do Planeta é o novo Eldorado brasileiro. Para esta terra sem lei, sem justiça, sem nada, estão chegando centenas de pessoas todos os dias. E são pessoas de todos os tipos, gente boa e gente ruim, gente sem escrúpulos e gente com vontade de trabalhar, que vê logo que, se enfiar a cara, acerta a vida em seis meses. Tudo funciona na lei da bala. A palavra de um homem vale muito. Porque senão ele morre — explica o garimpeiro.

A meia hora de carro de Apicás, ou a 50 minutos de avião da sede do município, Alta Floresta, o garimpo do Planeta foi descoberto em 1978 por homens que procuravam o ouro no rio Paranaíta. No ano seguinte, foi aberta a pista de pouso e começaram as primeiras invasões da área. Em 83, com a estrada, uma serraria, um depósito de óleo, um armazém de cereais e

Garimpo do Arroz (MT)



Até oficial de justiça anda armado no garimpo

um hotel se instalaram no povoado, então uma corrutela com as mesmas características das outras que vão se formando na esteira dos novos garimpos.

O garimpeiro é destruído. Se houver ouro debaixo da cama do fazendeiro, ele não hesita em matar o fazendeiro e levar o ouro — afirma o ex-jornalista Aldenor Leite Ramalho, 49, atualmente dono de um armário e de três dragas no Ximari. Ramalho, um dos primeiros a chegar a Apicás, confirma que ninguém tem tempo de fazer casa. Sobre quatro estacas, o garimpeiro estende uma lona plástica preta. Durante o dia, uma parte da cobertura fica levantada, revelando o interior: redes para dormir, roupas penduradas no teto, bacia, um pequeno fogareiro a gás, painéis.

Ar pesado — A sucessão de barracos negros, o sol que torra, a sujeira, a poeira, a baixa qualidade de vida de crianças e adultos em corrutelas como o Arroz, Mutum, Pau Mole ou Pinta no Leito é o que confere a todas elas um clima lúgubre, como se a morte fosse algo concreto, no ar. No Mutum, à beira do baixão que lhe deu o nome, "onde se mata de cinco", como afirma o tenente PM Vitor Hugo Metello, os *cantinas* expõem produtos que vão do leite condensado às peças de trator. Do outro lado da rua, uma placa anuncia: *Fassi foça e posso* (Faz-se fossa e poço).

Aí, uma lata de Coca-Cola custa Cz\$50 e uma água mineral, Cz\$20. O quilo de carne — que só tem dois tipos, com ou sem osso — chega a Cz\$150. Quando um novo baixão começa a dar ouro — como é o caso do Sadi, um pouco adiante do Mutum, onde os tratores ainda dão os últimos retoques na estrada recém-aberta e as pontes sobre os igarapés têm de ser testadas, antes de passar — seus descobridores vão cobrar as despesas dos motoristas de táxi de Apicás.

O baixão do Sadi, entretanto, está a 40 minutos à pé, por uma picada aberta na mata, do núcleo comercial que já começou a se formar ao final da estrada. No espaço circular, três ou quatro bares e uma boate (eufemismo para as casas de prostituição), a Recanto do Amor, estão em funcionamento. A porta de sua *farmácia*, Edinalva, 21, come macarrão com as mãos. As duas filhas (Fernanda, 3 e Gilmara, 1) brincam no chão de terra, entre as redes onde três pacientes de malária recebem o soro (a Cz\$1 mil o litro) dado pelo farmacêutico José Gilmar, com 11 anos de experiência em áreas de garimpo. (T.M.)



Na pista do Cuiabano, onde se paga Cz\$ 1 mil por pouso, o movimento é maior que o de muitas grandes cidades